

* 6 JUN 1980 CORREIO BRAZILENSE DF

Brazlândia comemora 48 anos

Judith, viúva do fundador, conta como nasceu a cidade

ROBERTO SIQUEIRA

Com uma população estimada em vinte e seis mil habitantes, a cidade-satélite de Brazlândia completou ontem 48 anos de existência e comemorando o acontecimento com uma programação que incluiu alvorada festiva, instalação da estação chave de rádioamadorismo, festival de chope e baile oficial da cidade, além de um culto de ação de graças e inauguração de várias obras públicas.

Embora o calendário oficial do Governo do Distrito Federal considerava o dia cinco de junho de 1933 como a data de fundação daquela comunidade, foi, na realidade, em 15 de abril de 1932 que nasceu o Distrito de Brazlândia, pelo Decreto Municipal nº 55, assinado pelo Prefeito de Luziânia, Público de Souza, no local denominado "Povoado de Chapadinha".

SEU "BIDÓ"

Benedito Carlos de Oliveira, mais conhecido como "seu Bidó", foi o primeiro professor local e quem impulsionou o desenvolvimento da região. Sua primeira residência foi um rancho de "pau-a-pique" coberto por folhas de buriti, onde um senhor de nome Ernesto - cujo sobrenome ninguém sabe - nomeado pelo prefeito do município, instalaram precariamente uma escola para atender os filhos dos habitantes da localidade.

Segundo Judith Cardoso de Oliveira, esposa de "seu Bidó", "quando chegamos onde hoje é Brazlândia - setor tradicional - só existia na região uns poucos moradores velhos, pertencentes às famílias Abreu Lima e Rodrigues. Não havia nenhum Bras. Depois apareceu um senhor de nome Leandro, que abriu o primeiro comércio, com uma vendinha".

Seis anos após sua chegada, Benedito Carlos de Oliveira, o verdadeiro fundador de Brazlândia, deu início à etapa de desbravamento da região abrindo as primeiras estradas para Corumbá, Planaltina, Luziânia e Vão dos Angicos, na base do enxadão, picareta, pá, marreta, foice e machado. O trecho mais duro - segundo Judith - foi o do lado do Vão dos Angicos, até atingir a Fazenda Guariroba, onde mora hoje José de Oliveira. Havia uma espécie de trabalho cooperativista, os fazendeiros, beneficiados pelas estradas, colaboravam com materiais e ajudavam na parte financeira. Uns fornecendo madeira para as pontes, outros com o carroto.

Judith lembra que "havia dias em que contávamos com cinco trabalhadores, outros com 10, mas, mesmo assim, 20 léguas de distância, foram abertas em mais ou menos dois meses, tempo esse que, hoje, com máquinas pesadas, tratores, pás mecânicas e outras facilidades, não chega a ser atingido.

DISTRITO

A grande luta para transformar o povoado em distrito teve êxito após muito esforço e uma "decaída" depois de cinco anos, condicionado que foi à obtenção - nesse período - de 30 casas cobertas de telhas co-

loniais. Em 1938, não sendo cumprida a exigência, Brazlândia voltou a ser considerada um povoado. Só existiam a casa de "seu Bidó" e as das famílias Abreu Lima, Rodrigues, a subprefeitura e a igreja.

O cemitério era distante uns quatro quilômetros e ficou inacabado. Seu primeiro empreiteiro ouviu dizer que quem construía cemitérios morria depressa, largou tudo, sem receber pelo trabalho desenvolvido.

Quando se inaugurou a Nova Capital e Brazlândia passou a pertencer ao Distrito Federal, desmembrando-se de Goiás, no local existiam cerca de 30 habitações e uns poucos casebres para comércio. Mais ou menos umas 20 famílias residiam ali, ainda como resultado dos casamentos realizados entre os primeiros habitantes.

O nome de Brazlândia foi proposição política, em razão de existirem alguns membros da família Braz estabelecidos no povoado. Eram votos para o prefeito, de João Braz, Manoel Braz, Pedro Braz e Virgílio Braz, descendentes de Amélia Braz, proprietária de grande parte das terras da área.

De acordo com o relato de Judith Cardoso de Oliveira, esposa de Benedito Carlos, que morreu em 27 de janeiro de 1960, com 60 anos de idade e 27 de Brazlândia, "quando os Braz chegaram, a localidade já havia sido distrito e tivera dois subprefeitos. O primeiro foi Joaquim Dutra, o segundo "seu" Abdon e o último o próprio Benedito Carlos. Depois, voltara à condição de povoado. O comércio propriamente dito começou com Rodolfo Gonçalves, que viera de Planaltina, e só muito depois é que chegou Antônio Braz, o primeiro do clã, a seguir vieram João Braz e os demais pertencentes à família".

"O primeiro casamento realizado em Brazlândia foi o de Antônia e Sebastião Martins - e não eram Braz. O padre Domingó era o pároco, mas quem oficiou o primeiro casamento foi o padre Rosa, mais ou menos em 1938. O primeiro casamento, unindo Braz a Cardoso, foi o de Castorina Braz e Sebastião Carlos de Oliveira, filho de Benedito e Judith."

Em 1956, época em que Brasília começou a ser construída, Brazlândia era passagem obrigatória dos caminhões que transportavam material para as edificações, vindos de Goiânia, passando por Anápolis, Corumbá, Cidade Eclética (Campo Limpo) e Aparecida de Goiás. O comércio floresceu - notadamente as pensões e dormitórios para pernoite dos motoristas e trabalhadores, mais tarde chamados de "candangos".

SORTEADO

Nessa época não se batizavam crianças com medo de que viessem a ser "sorteadas" - expressão usada para designar o serviço militar obrigatório - nem havia casamentos, por falta de juiz no local. Benedito Carlos de Oliveira, antes de morrer, assistiu à Primeira Missa em Brasília, conversou com Juscelino e forneceu

alimentação inúmeras vezes, em sua pensão, a Bernardo Sayão.

O primeiro grupo escolar, fundado em 1933, serviu posteriormente para abrigar o posto médico e, hoje, abandonado de seu valor patrimonial e histórico, serve de casa de cômodos, para diversas famílias, caindo aos pedaços, com a madeira apodrecida e em péssimo estado de conservação.

Em 1972, uma invasão conhecida como "Vietcong", localizada em terras pertencentes ao Incra, entre Taguatinga e Brazlândia, foi erradicada para esta cidade, sob responsabilidade do Serviço Social, vindo criar um setor novo, ampliando a população, expressivamente.

A municipalidade de Brazlândia teve posse e domínio da área onde se localiza parte da atual cidade - de acordo com o GDF - por doação feita por Benedito Carlos de Oliveira, "seu Bidó", através de escritura pública lavrada a 30 de maio de 1958, no Cartório do 2º Tabelião de Luziânia. Esta área equivale a 10 alqueires. O restante da área urbana até hoje está sob o domínio da Terracap e algumas partes em poder de particulares, por não terem sido concluídos todos os processos de desapropriações.

NOVA IMAGEM

A IV Região Administrativa do DF, Brazlândia, compreende uma área cujos limites demarcam uma ocupação de 417 quilômetros quadrados, sendo 17 na zona urbana e 400 na zona rural, onde vive uma população de aproximadamente 26 mil pessoas, com 64% percebendo até um salário mínimo e com poucas opções de trabalho na própria cidade, mercê de um comércio que inicia seus primeiros passos e uma reduzida atividade industrial.

No campo educativo, a amostragem de escolaridade é de 0,7% de analfabetos; 27% de alfabetizados e quase 50% cursando as escolas de 1º e 2º graus, com 100 salas de aulas, 170 professores, na zona urbana, nos sete estabelecimentos de ensino, inclusive uma escola normal.

Na área rural, três escolas atendem a mais de 300 alunos, com três escolas situadas em áreas mais povoadas, como núcleos rurais, dotados até de pequenos estabelecimentos comerciais. Nessas regiões se desenvolvem duas associações: a dos colonos do Incra-8 e a dos fazendeiros da região Geo-Econômica de Brazlândia.

No campo da iluminação pública, a previsão total é de cerca de 1.025 luminárias, implantadas na atual gestão.

Recreação e lazer são as principais preocupações da Administração Regional que, para tanto, criou um salão comunitário, totalmente voltado para as atividades sociais da comunidade, que dispõe de salão para bailes, sala para reuniões, piscina de água corrente, play-ground e realização de shows artísticos todos os finais de semana, com programa de calouros e atividades afins.